

**COSMOGONIAS NÃO OCIDENTAIS, DIALÉTICA HEGELIANA  
E ROMANCE LATINO-AMERICANO NO DISCURSO SOBRE A  
ESCRavidÃO: O CASO DE *O REINO DESTE MUNDO*, DE ALEJO  
CARPENTIER**

**Diana Klinger**  
UFF-Cnpq

**Resumo:** O presente trabalho propõe uma leitura do romance *O reino deste mundo*, do escritor cubano Alejo Carpentier (1948), sobre a revolução dos escravizados no Haiti em termos de um “perspectivismo” em que coexistem diferentes realidades de acordo com as diferentes perspectivas das personagens. Nossa leitura busca também uma aproximação com a leitura que a filósofa Susan Buck-Morss faz da “cena do reconhecimento”, isto é, da dialética do senhor e do escravo em Hegel, que teria sido inspirada na revolução haitiana. Buck-Morss diferencia Hegel de outros pensadores liberais e iluministas europeus, que contraditoriamente sustentavam um discurso sobre a liberdade que não questionava a escravidão nas colônias.

Assim, entendemos, a partir do romance, que o discurso na América Latina não constitui uma unidade ou uma síntese em oposição ética e estética ao discurso colonizador, mas pensamos ambos os discursos em sua fragmentação, formada por múltiplos pontos de vista impossíveis entre si. Pensamos, em suma, que uma crítica da modernidade, da colonialidade e do capitalismo, não necessariamente deve seguir um caminho unidirecional nem uma racionalidade dicotômica que oponha o pensamento europeu ao latino-americano.

**Palavras-chave:** Escravidão; Hegel; Revolução haitiana; Alejo Carpentier; Perspectivismo.

**Abstract:** The present work proposes a reading of the novel *The Kingdom of this World*, by the Cuban writer Alejo Carpentier (1948), about the revolution of the enslaved in Haiti in terms of a “perspectivism” in which different realities coexist according to the different perspectives of the characters. Our reading also seeks an approximation with the reading that the philosopher Susan Buck-Morss makes of the “scene of recognition”, that is, the dialectic of master and slave in Hegel, which would have been inspired by the Haitian revolution. Buck-Morss differentiates Hegel from other European liberal and Enlightenment thinkers, who contradictorily supported a discourse on freedom that did not question slavery in the colonies.

Thus, we understand, from the novel, that the discourse in Latin America does not constitute a unit or a synthesis in ethical and aesthetic opposition to the colonizing discourse, but we think of both discourses in their fragmentation, formed by multiple points of view that are incompatible with each other. We think, in short, that a critique of modernity, coloniality and capitalism should not necessarily follow a unidirectional path or a dichotomous rationale that opposes European and Latin American thought.

**Keywords:** Slavery; Hegel; Haitian Revolution; Alejo Carpentier; Perspectivism.

A leitura que proponho do famoso romance de Alejo Carpentier, *O Reino Deste Mundo*<sup>1</sup>, é parte de um projeto mais amplo que tem por objetivo pensar as subjetividades e as questões identitárias na literatura, especificamente no contexto de um momento em que as ciências humanas atravessam o que Jacques Rancière (entre outros) reconhece como uma “virada ética”, na qual se desloca a centralidade do discurso da luta de classes como chave interpretativa do conflito social, que passa a ser pensado em outros termos. Teríamos entrado numa era “pós-ideológica”, argumenta Rancière, na qual, junto com a hegemonia das demandas identitárias, o conceito de *reconhecimento* se torna central. Em outras palavras, como diz a filósofa Beatrice Hanssen, “o espectro de Hegel, por trás da figura de Marx, tem retornado para nos interpelar com uma nova força”. (cf. HANSSEN, 2000)

A cena da dialética entre o senhor e o escravo da *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, conhecida também como a “cena do reconhecimento” foi relida insistentemente, como sabemos, nesses dois séculos. Lacan a leu em termos da constituição da subjetividade a partir da intersubjetividade, leitura que foi retomada por Franz Fanon para compreender a subjetivação do sujeito colonizado, e mais recentemente essa dialética tem sido rediscutida por muitos teóricos, de um amplo espectro de posições, entre os quais destaco Judith Butler, Axel Honneth, Beatrice Hanssen e, a que me interessa especialmente neste momento, Susan Buck-Morss. Num belíssimo livro, *Hegel e o Haiti*, Buck-Morss demonstra, a partir de um minucioso trabalho com arquivos, que, ao elaborar essa dialética, Hegel não se baseou na tradição bíblica ou filosófica, mas nas notícias que ele lia sobre a

---

<sup>1</sup> As citações do romance correspondem à tradução de Marcelo Tapia. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2009.

revolução haitiana. Hegel se distancia assim dos outros pensadores iluministas e liberais, os pais ideólogos da Revolução francesa, como Rousseau, mas também Hobbes ou Locke, para os quais a liberdade -- em contraste com a escravidão --, era considerada “o estado natural do homem” e “seu direito inalienável”. Porém esses pensadores se calaram de forma quase absoluta a respeito do Código Negro, *Code Noir*, aplicado pela França nas colônias. Não foi diferente na Inglaterra, em que a revolução cromwelliana contra a monarquia e o privilégio feudal fazia uso da metáfora bíblica da escravidão do povo de Israel, mas aceitava a escravidão nas colônias como “parte inalienável da lógica de poder”, em palavras de Hobbes (apud BUCK-MORSS, 2017, p.134). A liberdade britânica significava a proteção da propriedade privada, incluindo aí a posse de escravos. Buck-Morss lembra que Locke, inclusive, era acionista da Real Companhia africana, envolvida na política colonial norte-americana.

De maneira que poderíamos pensar que as ideias não se encontram “fora de lugar” na América Latina (para retomar criticamente a expressão de Roberto Schwartz<sup>2</sup>), mas *já nascem* fora de lugar, uma vez que a exploração de milhares de trabalhadores escravos nas colônias “era aceita com naturalidade pelos próprios pensadores liberais na Europa” (BUCK-MORSS, 2017, p.132).

Na contramão, argumenta Buck-Morss, Hegel inaugura como metáfora central de seu trabalho não a escravidão oposta a algum estado mítico de natureza, como Hobbes ou Rousseau tinham feito antes, mas a escravidão real das colônias, “trazendo para dentro de

---

<sup>2</sup> Em seu famoso texto “As ideias fora de lugar”, Roberto Schwartz reconhece já um deslocamento no próprio discurso europeu, como se percebe na seguinte passagem: “É claro que a liberdade do trabalho, a igualdade perante a lei e, de modo geral, o universalismo eram ideologia na Europa também; mas lá correspondiam às aparências, encobrindo o essencial: a exploração do trabalho. Entre nós, as mesmas ideias seriam falsas num sentido diverso, por assim dizer, original. A Declaração dos Direitos do Homem, por exemplo, transcrita em parte na Constituição Brasileira de 1824, não só não escondia nada, como tornava mais abjeto o instituto da escravidão (...) Era inevitável, por exemplo, a presença entre nós do raciocínio econômico burguês, a prioridade do lucro, com seus corolários sociais, uma vez que dominava no comércio internacional, para onde a nossa economia era voltada. A prática permanente das transações escolava, neste sentido, quando menos uma pequena multidão. Além do que, havíamos feito a Independência há pouco, em nome de ideias francesas, inglesas e americanas, variadamente liberais, que assim faziam parte de nossa identidade nacional. Por outro lado, com igual fatalidade, este conjunto ideológico iria chocar-se contra a escravidão e seus defensores, e o que é mais, viver com eles” (2014, p. 5).

seu texto a realidade presente, histórica, que o circundava como tinta invisível” (2017, p. 144).<sup>3</sup>

Minha leitura de *O Reino Deste Mundo*, do escritor cubano Alejo Carpentier, procura também uma forma de dialogar com essa releitura de Hegel do ponto de vista de América Latina, para refletir sobre a circulação e a problematização dos discursos em torno da escravidão.

Voltar a ele hoje implica lembrar que a revolução haitiana, silenciada, esquecida, nem mesmo mencionada no ensino escolar, teve uma repercussão mundial à época, igual ou até maior do que a americana e a francesa. O Haiti -- na época Santo Domingo -- foi a primeira nação americana independente, a primeira a abolir a escravidão e a ter uma constituição racialmente igualitária.

A poesia romântica europeia também deu conta desse impacto. Lembremos, por exemplo, do poema de Wordsworth dedicado e endereçado a Toussaint Louverture, que liderou a abolição da escravidão e a independência de Haiti, se solidarizando com ele quando ele estava preso na França, onde morreu. Podemos lembrar também dos poemas e das gravuras de William Blake sobre a escravidão e o poema de Heinrich Heine sobre o navio negreiro (este último inclusive, como sabemos, inspirou o famoso poema de Castro Alves).

Carpentier entende que as forças que impulsionaram a luta dos escravos haitianos pela liberdade (luta esta que está no coração da dialética do reconhecimento), a saber, a fé vinda da religião vudu, falam de uma história impossível de situar na Europa. Durante sua permanência no Haiti, Carpentier diz que “pisava numa terra onde milhares de homens

---

<sup>3</sup> De acordo com Buck-Morss, esta relação direta da *Fenomenologia do Espírito* com a revolução haitiana foi obliterada nas leituras de Hegel, uma vez que predominou a leitura marxista (“branca”), que considera a dialética como uma metáfora para entender o capitalismo, apesar de que a escravidão corresponde a uma etapa pré-capitalista.

ansiosos por liberdade acreditaram nos poderes licantrópicos de Mackandal ao ponto que essa fé coletiva produzisse um milagre no dia de sua execução” (Mackandal foi um líder revolucionário e sacerdote vudu, conhecido pela sua capacidade de assumir diferentes formas animais, retornando depois da morte nessas diversas formas para impulsionar a revolução.)

Este milagre surge de “uma revelação privilegiada da realidade” que seria, de acordo com Carpentier, “patrimônio de América Latina”, onde “ainda não se terminou de estabelecer um inventário de cosmogonias”. No prólogo ao romance, o escritor cubano, num esforço de “descolonização espiritual”, procura uma expressão *essencialmente* latino-americana e, para tanto, se afasta do surrealismo, com o qual tinha mantido contato estreito durante seu exílio na França, afirmando que o surrealismo, que também foi beber das fontes africanas, produz a magia de forma artificial, através dos sonhos e do mergulho no inconsciente, enquanto que na América Latina a própria realidade é sobrenatural. Esta ideia é bastante questionável certamente e, embora não seja possível nos determos nela aqui, gostaria de assinalar apenas que, nesse prólogo, Carpentier aponta para *uma* “perspectiva latino-americana” e, no entanto, no romance, observamos uma *fratura da perspectiva*.

A incrível história do Haiti aparece em *O Reino Deste Mundo* como pano de fundo bastante difuso: o romance conta a vida de Ti Noel, um escravizado que trabalha numa fazenda de cana. Ou seja, que é também a história da *plantation* (do açúcar), que tem a ver com boa parte da América Latina. Fazendo uma reconstrução do que aparece no romance de forma um pouco difusa, vemos que ele se situa entre dois marcos temporais: começa com a captura e assassinato de François Mackandal, que foi capturado e queimado vivo em 1758 na praça pública de Cabo de Santo Domingo, passa pela abolição da escravidão no Haiti (em 1793), a independência de Haiti em 1801, quando Toussaint Louverture, que tinha lutado contra a invasão inglesa da ilha, que era domínio francês, consegue expulsar os britânicos e proclama a independência da ilha. Em seguida é traído por Napoleão, que era seu aliado na luta contra os ingleses. Logo após o triunfo de Louverture, ele envia 40 mil soldados à ilha, ao mando do general Leclerc (que era casado com a irmã dele, Paulina

Bonaparte) para submeter a ilha de novo ao Império francês. (Leclerc morre em pouco tempo de febre amarela.) O exército consegue prender e deportar Louverture (que morre numa prisão na França), mas Bonaparte não consegue retomar o domínio sobre o território; a população negra e crioula se mantém no poder, primeiro com o general Desalines, que foi assassinado pouco depois (em 1806) e depois com Henri Christophe, um ex-escravizado que trabalhava como cozinheiro e que vai se autoproclamar Imperador da ilha em 1807 e posteriormente vai se suicidar em 1820. Este é o personagem histórico que mais aparece no romance, ele é uma figura um tanto inusitada, porque entre outras coisas, durante seu reinado, institui a nobreza negra, criando títulos de príncipe, cavaleiro, duque, conde, e manda construir para si um castelo imenso, que é a *Citadelle de la Ferrere*.<sup>4</sup>

De maneira que não faltam à História de Haiti elementos para ser uma ótima ficção. Esses acontecimentos aparecem no romance de Carpentier, mas desfigurados pelas diferentes perspectivas que assume o narrador. Meu interesse é focar nesse procedimento narrativo, que chamo de “perspectivismo” (fazendo referência ao perspectivismo na antropologia, mas com o qual não se identifica completamente), que consiste em permanentes *mudanças de perspectiva* até dentro da mesma frase.

Por exemplo, numa das primeiras cenas do romance, que é quando Makandal é queimado em praça pública, a multidão é levada para a praça para assistir essa cena, e o narrador diz que os negros “demonstravam uma revoltante indiferença”. Acontece que Makandal tinha o poder da metamorfose e, enquanto é queimado, o narrador diz:

tinha sido mosca, centopeia, falena, cupim, tarântula, louva-a-deus e até vaga-lume de grandes luzes verdes. E Makandal transformado em mosquito zombador, pousaria no mesmo tricórnio do chefe das tropas, para gozar do desconcerto dos brancos. Isso era o que ignoravam os amos; por isso haviam esbanjado tanto dinheiro em organizar aquele espetáculo inútil, que revelava sua total impotência para lutar contra o homem ungido pelos grandes Loas.<sup>5</sup> (2009, p.44)

---

<sup>4</sup> Este personagem histórico singular, além de estar presente no romance de Carpentier, é retratado numa peça do escritor martinicano Aimée Césaire, de 1963, *La Tragedie du Roi Christophe*, que acabou de ser traduzida e lançada faz um mês no Brasil (pela editora Cobogó).

<sup>5</sup> Deidades da religião vudu.

De maneira que aquela “revoltante indiferença”, referida primeiro pelo narrador, na verdade não era outra coisa que a sabedoria dos escravizados, a confiança no seu líder, que não morreria queimado, mas se transformaria em animal para continuar a luta.

E, no entanto, prossegue o narrador: aquela noite, “já com touca de dormir” diz o narrador, o senhor, o dono da fazenda em que trabalha o personagem principal, o escravizado Ti Noel, comenta com a esposa como os negros eram *insensíveis ao suplício de um semelhante*. As duas perspectivas – a dos brancos e a dos escravizados – coexistem na narrativa, embora o leitor passe a ver com ironia a primeira, desmentida pela segunda.

Gostaria de me referir a uma outra cena muito significativa nesse sentido, que nos ajuda a compreender melhor este procedimento perspectivista: ela se situa no final do romance, em que Henri Christophe, esse personagem singular, ex-escravo que vira rei da ilha e que instituiu uma nobreza negra, está assistindo junto com a sua esposa uma missa que está sendo proferida em latim. E ele não conseguia se concentrar porque estava sentindo, de acordo com o narrador, um inexplicável desassossego (2009, p. 99):

Ele sentia-se rodeado de forças hostis. O povo, que o havia aclamado a sua chegada, estava cheio de más intenções, ao lembrar demasiadamente das colheitas perdidas, sobre uma terra fértil, por estarem os homens ocupados na construção da Cidadela. Em alguma casa retirada – suspeitava -- haveria sua imagem fixada com alfinetes ou pendurada de má maneira com uma faca enfiada no lugar do coração. Muito longe se elevava, às vezes, um rufar de tambores que não tocavam, provavelmente, em clamor por sua vida longa. (2009, p. 100)

Notemos que, apesar de Christophe ser cristão e estar assistindo a missa, ele tem muito medo da magia vudu. E esse medo vai *in crescendo* até ele perder os sentidos e começar a delirar, e ele vê, no delírio, no padre que está proferindo a missa, a imagem do arcebispo Cornejo Breille, um personagem histórico, que num capítulo anterior, intitulado “O emparedado”, Christophe havia mandado ser aprisionado vivo entre duas paredes, como castigo por ter querido abandonar a ilha. Lembremos que é uma crença vudu o retorno dos mortos vivos, e, mesmo sendo cristão, Christophe vê a figura de Breill que ele mandou emparedar durante a missa que está sendo proferida pelo seu sucessor, e cai num delírio:

Nesse momento, um raio que só ensurdeceu seus ouvidos, caiu sobre a torre da igreja, rachando ao mesmo tempo todos os sinos. Os chantres, os incendiários, o facistol, o púlpito ficaram abaixo. O rei jazia sobre o piso, paralisado, com os olhos fixos nas vigas do teto. Mas agora, com um grande salto, o espectro tinha ido sentar-se sobre uma dessas vigas, precisamente onde Christophe o visse, com braços e pernas em cruz, como que para exhibir mais aberto e sangrento o brocado. Em seus ouvidos, crescia um ritmo que tanto podia ser o de suas próprias veias como o dos tambores percutidos na montanha. Retirado da igreja nos braços de seus oficiais, o rei resmungou vagas maldições, ameaçando de morte todos os vizinhos de Limonade se os galos cantassem. (2009, p. 100)

Esta é uma cena de delírio, de transe, em que há um contraponto entre a liturgia que evidentemente não é compreendida pelas pessoas que assistem a missa. Então se trata de um cântico que teria seu poder de encantamento pelo ritmo, pela performance, pelo contexto, com os tambores rufando ao longe, e é nesse contraponto auditivo e religioso que Henri Christophe entra em transe. Esse som do tambor ele ouvia antes, mas não sabe se está dentro (de suas próprias veias) ou fora. O som é um dado importante da cena (e do romance). Christophe é levado ao palácio e há uma correria para tentar fazer voltá-lo a si e, por fim, mais adiante, o narrador conclui o capítulo desta forma:

Respirava-se uma atmosfera nesse crepúsculo de sombras já muito impacientes por abarcar as coisas. Não se podia saber se realmente soavam tambores na montanha. Mas, às vezes, um ritmo vindo de altas lonjuras combinava-se estranhamente com a Ave Maria que as mulheres recitavam no salão de honra, encontrando inconfessadas ressonâncias em mais de um peito. (2009, p.101)

Um leitor atento então deveria se perguntar: *quem é que não poderia saber se realmente soavam os tambores na montanha?* Evidentemente, se o narrador fosse onisciente essa frase não seria possível. Mas o narrador adota alternativamente o ponto de vista das personagens, sem qualquer ponto de vista exterior e totalizador. Duas *realidades diferentes e incompatíveis entre si* convivem a depender do ponto de vista que se assuma, de maneira que, quando Carpentier acreditava ter inventado o realismo mágico (em continuidade, mas também contraposição ao surrealismo, como apontei acima), na verdade havia inventado o perspectivismo, isto é, a ideia de que não há múltiplas perspectivas sobre uma mesma realidade, mas múltiplas realidades de acordo com cada perspectiva.

Por isso, me afasto das leituras que se fizeram do romance em termos de uma dialética em que os oprimidos lutam por sua liberdade apenas para, ao chegar no poder, se

tornarem eles mesmos os opressores. Se essa dialética pode ser válida na História, penso que o romance de Carpentier não se resume a isso, pelo contrário, ele chama a atenção para outras forças, inclusive a da literatura, capazes de dar conta de outras perspectivas. Essa talvez seja uma possível aliança entre cosmogonias não ocidentais (neste caso, a vudu), filosofia europeia e romance latino-americano, atentando para o fato de que, em Hegel, a luta de vida ou morte que conduz à liberdade é uma “luta para determinar de quem será o ponto de vista normativamente dominante” , como aponta seu biógrafo, Terry Pinkard (2000, p. 174, apud FAUSTO; COSTA, 2021, p. 5).

Fiz referência, no início deste texto, ao famoso prólogo ao romance, em que Carpentier afirma que a forma do mesmo (o realismo maravilhoso) seria a síntese da “realidade latino-americana”. Porém, se deslocamos a ideia de síntese para a de fragmentação ou perspectivismo, da mesma maneira como entendemos o discurso iluminista em torno da escravidão não como um bloco unitário e sim como uma arena de embates, evitamos transformar América Latina numa essência que dilui as contradições e antagonismos, assim como também driblamos a lógica binária (nós--outros) sobre a qual se constroem as noções de nacionalismo, lógica essa presente inclusive em -- pelo menos uma parte -- do discurso pós-colonial.

A partir da minha leitura do romance de Carpentier procuro, então, pensar paralelamente a fratura do discurso iluminista em torno da escravidão e pensar o discurso na América Latina não como uma unidade ou uma síntese em oposição ética e estética ao discurso colonizador, mas pensar esse discurso em sua fragmentação, formada por múltiplos pontos de vista impossíveis entre si. Pensar, em suma, que uma crítica da modernidade, da colonialidade e do capitalismo não necessariamente deve seguir um caminho unidirecional nem uma racionalidade dicotômica que oponha o pensamento europeu ao latino-americano: a literatura aqui aponta caminhos para sair de divisões binárias e testar outras formas de circulação dos discursos.

## REFERÊNCIAS

- BUCK-MORSS, Susan. *Hegel e o Haiti*. São Paulo: N-1, 2017.
- CARPENTIER, Alejo. *O reino deste mundo*. Tradução de Marcelo Tapia. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2009.
- FAUSTO, Carlos; COSTA, Luiz. Afinidades e diferenças: algumas considerações sobre a política da consideração (parte 1). *Mana*, v. 27, n.3, p. 1-29, 2021.
- HANSSSEN, Beatrice. "The ethics of the other". In: GARBER, Marjorie; HANSSSEN, Beatrice; WALKOWITZ, Rebecca (Eds). *The turn to ethics*. New York and London: Routledge, 2000.
- HEGEL, Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. Tradução Paulo Meneses, Karl Heinz- Efken e José Nogueira Machado. São Paulo: Vozes, 2014.
- RANCIÈRE, Jacques. *El viraje ético de la estética y la política*. Santiago de Chile: Palinodia, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. The Ethical Turn of Aesthetics and Politics. *Critical Horizons*, v. 7, n.1, p. 1-20, 2006.
- SCHWARTZ, Roberto. *As ideias fora do lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

**Diana Klinger** é Professora Associada de Teoria Literária da Universidade Federal Fluminense. É bolsista de produtividade em pesquisa do Cnpq (Nível 2). Graduada em Letras pela Universidad de Buenos Aires (2000), onde lecionou Literatura Brasileira, e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2006). Fez Pós-Doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ (2007-2009). Desde 2009 coordena, junto com a professora Celia Pedrosa, o Grupo de Pesquisa (Cnpq) "Pensamento teórico-crítico sobre o contemporâneo", que participou do acordo de Cooperação Internacional com a Maestria en Literatura Latinoamericana de la Universidad de Tres de Febrero (Argentina). Foi, durante doze anos, editora da revista binacional Grumo (2002-2014), e curadora da coleção Gandula de poesia brasileira traduzida e publicada na Argentina, para a qual traduziu vários títulos. Em 2021 recebeu a bolsa Tinker Visiting Professor para lecionar Literatura Brasileira na Universidade de Madison, Wisconsin.